

# O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 2.

JANEIRO 15.

1856.

MEDITAÇÕES.

II.

## ETERNIDADE.

Quantos homens ha ali, que passam toda a sua vida na satisfação completa de seus desordenados appetites, arrastados pela torrente impetuosa das paixões, sem se lembrarem de que no fim da vida está a morte, e alem da morte a eternidade! ?..

Julgarão elles, porventura, que é indifferente para o homem seguir o caminho do crime ou da virtude, porque no fim da vida hade elle ir dormir no tumulo o sono eterno do esquecimento?

Talvez.

Que no fim da vida está a morte, ainda não houve homem tão sceptico, que podesse duvidar d'esta verdade: se o houvesse, e a continua passagem por esta fase de todos os seres vitaes, que o rodeiam, não fosse bastante para convencel-o, a propria experiencia viria finalmente desenganal-o de tão louco scepticismo; mas que alinda morte esteja a Eternidade; eis-aqui o que muitos homens tem negado, appregando bem alto as suas doutrinas, a ver se podiam convencer os outros d'aquillo que elles mesmos se exforçavam em vão por convencer-se.

A Eternidade é um vulto medonho que se levanta deante de todos aquelles, que pretendem seguir somente o caminho das paixões; é um embaraço terrivel que os não deixa gosar nem o socego dos seus prazeres criminosos, porque no meio das suas orgias, quando vós pensaes que elles são felizes, é quando o seu horizonte se acha toldado por uma nuvem negra — essa nuvem negra é a lembrança da Eternidade, suggerida pela voz da consciencia. Então estes homens, que não queriam obstaculo algum no caminho do crime, julgaram poder cantar o triumpho dizendo que a Eternidade era um fantasma — uma illusão.

Uns foram muito longe; materialisaram tudo, negaram até a existencia de Deus, procurando a salva guarda para o crime nos braços do atheismo.

Estes não foram muito felizes; porque não podendo transpor o alysmo entre a duvida e a certeza, não conseguiram o fim que desejavam.

Outros, não podendo negar a existencia d'uma intelligencia suprema, tão claramente manifestada no maravilhoso do universo; não podendo, por consequencia, deixar d'admittir a Providencia; e querendo ao mesmo tempo negar a vida futura, acharam-se n'um intrincado labyrintho de que não sahiram mais felizes do que os primeiros.

Contudo, estes homens não recuaram, e disseram que tudo acabava no tumulo, e que a virtude a mais austera, a abnegação a mais heroica, tinham a sua recompensa na terra, sem que fosse necessario recorrer a uma vida futura para justificar a Providencia.

Vejamos como estes homens racioeinaram:

Para justificar a Providencia, disseram elles: ha na terra sufficientes meios de castigar o crime e premiar a virtude: é a sanção natural, que arrasta ao precipicio aquelles, que se entregam demasiado aos prazeres sensuaes; é a opinião da sociedade, que expulsa do seu seio aquelle que desliscu do caminho do dever; é a sanção legal, que inflinge o castigo ao criminoso; é, finalmente, o tribunal severo da consciencia.

O crime e a virtude aqui tem o seu premio e o seu castigo, sem que seja necessario para isso recorrer a uma vida futura.

Vejamos se assim será.

Não nos occuparemos muito com a sanção natural; porque esta, alem de ser só applicavel á parte dos prazeres sensuaes, é bem sabido que ha naturezas tão fortes, homens tão sadios e robustos, que apesar de terem uma vida estragada, a sua saude não se ressentiu disso pelo menos na proporção de seu desregramento. Ha outros, porem, ou seja porque tenham já nascido com uma natureza viciada ou por outra circumstancia qualquer nos quaes, a saude se ressentiu notavelmente ao mais pequeno excesso, e ás vezes a vida a mais regrada não é capaz d'eximil-o de perennes soffrimentos.

A sanção natural, pois, não pode provar no sentido em que estes homens a pretendem; ella provaria antes no sentido contrario.

Vejamos agora a opinião dos homens: se esta pode acaso justificar a Providencia.

Todos sabem, o que é a opinião dos ho-

mens e que esta não se decide, não pode decidir-se, senão pelo exterior, porque lhe está vedado o íntimo das consciências.

E quantos homens há ahí cujo exterior parece estar apragoanda a mais sublimé virtude, em quanto que a sua consciencia os accusa de demasiada criminosos?

Mis dividamos a opinião publica na opinião do vulgo que é sempre menos acertada, e na d'alguns homens privilegiados, que podem decidir com mais certeza.

O vulgo decide-se sempre pelas apparencias; deslumbra-o o brilho exterior, e o seu juizo é nio raras vezes erroneo, sendo sempre volúvel.

Folhei a historia e achareis por toda a parte a prova do que avançamos.

Nio precisais percorrer muito; abri, por exemplo, a historia do povo-rei: lede qualquer das suas paginas, vereis que aquelle que hoje é levado ao capitulo, é amanhã precipitado da richa tarpeia: ahí tendes a opinião do vulgo.

A desses homens privilegiados que podem mais seguramente formar o seu juizo, quantas vezes tambem ella não é erronea, deslumbra-os pela inveja, pelas paixões e pelo egoismo?...

Alem disso, não nos tem mostrado a experiencia muitas vezes o crime exultado receber os aplausos do vulgo, em quanto que a virtude deprimida soffre os apupos da população?

E é esta opinião publica que pode dar ao crime e á virtude um premio e um castigo que justifique a Providencia? E esse crime, que é praticado nas trevas, sem que possa ser apreciado pelos homens, e essa virtude que o mundo não conhece, porque essa é a verdadeira virtude, e não aquelle que é praticada por ostentação, podem acaso receber da opinião publica algum premio ou castigo, para deixar cumprida na terra a justiça divina?...

Está bem claro, que não.

Passemos á sancção legal. Esta não tem debaixo do seu foro senão parte das acções humanas; as que pertencem ao dominio interno, as que respondem no tribunal da consciencia, estão fora do seu alcance; logo a sancção legal não pode justificar a Providencia, porque a sancção que a justifique hade ser universal para ser justa, hade abranger todas as acções humanas.

Alem disso, todos sabemos o que são as leis, como ellas se curvam ao poder e ao valimento, como ellas podem ser illudidas.

Quantas vezes, por falta de provas, ellas absolvem o culpado, em quanto que por desgraca castigam o innocente?!

E aquelles crimes a que ellas não podem fingir o castigo, porque os não conhecem?

Como é, pois, que tudo isto hade justificar a Providencia?

Uma sancção que deixe e o criminoso impune, ou porque teve força bastante para a calcar aos pés, ou porque soube praticar o seu crime em silencio, não será certamente aquelle que dê ao crime e á virtude o premio e o castigo que demanda a justiça divina.

Que resta, pois, agora? Resta o tribunal da consciencia.

Passemos então a examinar esse tribunal severo perante o qual comparecem todas as acções humanas, e a cujo dominio estão sujeitos os proprios pensamentos.

E' aqui, sobre tudo, que esses homens que negam a Eternidade pretendem cantar o triumpho, dizendo que o criminoso encontra o seu castigo nos remorsos, em quanto que a virtude tem a sua recompensa na approvação da consciencia, sancção sufficiente para a lei moral.

Se a consciencia foi a unica sancção, que o Legislador Supremo impoz á lei moral, ella deve estar em harmonia com a justiça divina; deve ser proporcional para ser justa.

Vejamos, pois, se o remorso é um castigo sufficiente para o crime.

Neste caso os remorsos deviam augmentar á proporção, que o homem, proseguisse no caminho do crime, deviam até coagil-o na carreira dos seus desvarios.

E que nos mostra a experiencia?

Quando é que o criminoso sente maiores remorsos?

E' quando enceta o caminho do crime: depois que está nelle inveterado, depois que tem contrahido com elle familiaridade, espera a victima com todo o sangue frio, crava-lhe o ferro sem a menor repugnancia, e contempla com o maior socego as sues ultimas contorsões, sem que a consciencia dê o mais leve rumor de si.

No principio quando o malvado commette os primeiros crimes, é que os seus remorsos são mais pungentes; depois a sua consciencia vai pouco a pouco adormecendo, até que acaba por cahir n'um somno tão profundo, que a perpetração do mais horrendo crime não será capaz de despertala.

Que procura o criminoso? Que o seu crime não seja conhecido para escapar á punição das leis; com a consciencia tem elle treguas para que possa recuar o seu castigo.

Assegurai ao malvado que elle so tem a recuar o remorso, e vereis como elle caminha sem obstaculo no caminho do crime.

Logo que elle perdeu o temor de Deus, só receia o castigo das leis: para elle a consciencia é nada; as suas acções já não respondem perante aquelle tribunal sem acção e sem vida.

Recorrei ainda á mestra da vida, abri ainda a historia do povo-rei, tão fecunda em monstros; lede essas paginas de sangue que constituem quasi todos os reinados desde antes de Nero até além de Diocleciano, vede, se esses

preversos receavam os remorsos na perpetração de crimes que horrorisam a humanidade depois que, tendo perdido o temor dos deuses, podiam calcar aos pés o imperio das leis.

O remorso não é pois, proporcional ao crime.

Até podiamos dizer que a approvação ou desapprovação da consciencia estão quasi sempre na razão inversa da moralidade das acções; isto é, que o homem mais virtuoso tem muitas vezes a consciencia mais desassoçada do que o maior perverso. Este, affeito a praticar o crime, a sua consciencia dorme um sono de que não ha nada que a desperte; em quanto que o homem virtuoso, a mais leve falta, até o pensamento de que não fez o bem que podia, é bastante para inquietal-o.

Não é possível negar esta verdade.

Já vimos pois que ao crime nem sempre se segue o remorso; mas que este pelo contrario está quasi sempre na razão inversa d'aquelle.

A approvação da consciencia tambem não é, nem pôde ser um premio sufficiente para a virtude.

Seria, na verdade, irrisorio exigir do homem todos esses sacrificios que são necessarios para trilhar o espinhoso caminho da virtude, promettendo-lhe por unico premio a approvação da consciencia!

Assegurai, que a virtude não tem outra recompensa, que ella deixará d'existir no mundo; assegurai-o que é debalde! felizmente elle não vos accredita, e o homem, pratica o dever com a mira n'um outro premio.

A Providencia, pois, não pode ficar justificada, se a lei moral tiver por unica sanção a consciencia; por que muitas vezes o crime ficaria sem o menor castigo, e sempre sem um castigo proporcional; em quanto que a virtude não teria a recompensa que demanda a sua pratica, que exigem os seus sacrificios.

O homem esmoreceria no caminho do dever, desesperaria na pratica da virtude, vendo-se d'um lado obrigado a praticar o bem, do outro contemplando o tumulto como fim de todos os seus trabalhos, o tumulto, aonde elle havia d'ir confundir-se com o perverso, que tinha passado toda a sua vida no caminho do crime.

Era necessario que não existisse a Providencia; mas a providencia existe, e o Legislador Supremo, que imposera ao homem a obrigação de praticar certas acções e d'omitir outras, ha-de necessariamente castigar estas e premiar aquellas, segundo a sua immutavel justiça.

E se é impossível, como já vimos, encontrar na terra uma sanção para a lei moral, e se a existencia do Legislador Supremo importa a necessidade da sua existencia, é forçosamente necessario admitir outra vida aonde ella a tenha — uma vida futura.

Esta verdade é recorleada por aquelles mesmos que a negam; é-lhe proclamada pela voz da consciencia; finalmente, manifestada por todos os povos da terra.

Não ha povo algum que não tenha admittido a existencia d'uma outra vida, que elle manifeste isto claramente pelas suas doutrinas, quier tacitamente pelos seus costumes.

Entrai nos povos ainda os mais selvagens, e vereis como elles depositam no tumulto do morto os utensilios que lhe serviram durante a vida, com o fim de que elle os possa usar em outra parte.

E a ideia da Eternidade, mais ou menos claramente manifestada; é uma crença universal, e uma crença universal, repetimol-o, é uma lei da natureza, como já dissera o grande Cicero.

E na verdade: pois o crime e a virtude teriam a mesma recompensa? os Neros e os Agostinhos ficariam confundidos no tumulto?

Não: isso seria um impossível; e o pensal-o só, uma blasfemia á justiça de Dens.

João Joaquim d'Almeida Braga.

## ROMANCE.

### UM DUELLO SEM TESTIMUNHAS.

#### PROLOGO.

AHI vae percorrer as ruas da amargura esse romance hespanhol, que tem por titulo — *Um duello sem testemunhas* — e que ousei traduzir da *Iberia*, jornal que presentemente se escreve e publica em Madrid. Não faltará quem dê o nome de arrojada a esta minha tentativa juvenil, nem serei eu quem me opponha a uma tal classificação, certissimo como estou da minha insufficiencia em qualquer dos idiomas, e do quanto é difficil caminhar sem tropeços neste genero de litteratura.

Mas quem haverá ahí tão pouco generoso, que não perdôe a um mancebo esta nobre aspiração, embora arriscada?

É qual será o critico severo, que não abrande um pouco a força dos seus golpes, ao reparar na falta que temos d'um dictionario das duas linguas? — Dirá alguém que esta falta fique supprida cabalmente com o grande dictionario da Academia Hespanhola, ou com os de Sobrino e Franciosini, que se acham no deposito da Bibliotheca desta cidade? Se o disser, engana-se de certo, por quanto muitos vocabulos procurei eu nessas tres fontes referidas, e nenhum delles me foi possível encontrar.

Com tudo, se nem assim a critica me julgar desculpayel, que perco eu com esse rigor? — Os Aristarchos, embora severos, não deixam de ser amigos; e amigo que não sabe

ralhar, orça (como diz o risti) pela face sem gume, que não serve para talhar.

Dos zóilos nada temo, porque to los elles, ou mordem sem a minima intenção de insinarem, ou mordem por invejosos; e n'esta ultima hypothese, quasi me fariam suppor haver em mim coisa invejavel, quando é certo que o meu desejo te n'ó n'ente por alvo a instrucção propria no exercicio da escrever, não tendo aquelles outra mira que não seja a de — satyrisar.

Quanto ao merito do romance, parece-me que o auctor hespanhol o sustenta com desempenho desde o principio até ao fim, pela verosimilhança dos caracteres, pela belleza da narração, e pelo interesse cada vez a maior com que o leitor corre de paragrapho a paragrapho e de capitulo a capitulo, sentindo-se a cada passo commovido com rasgos sublimamente dramaticos.

Se me fôr dado reproduzir, ao menos em parte, algumas destas bellezas na suavissima lingua de Camões; e se d'aqui me nascer um leve sorriso de benevolencia publica, terei esse galardão pelo melhor de todos na minha posição de traductor novigo, e firei por ser cada vez menos indigno de tanta generosidade.

Braga 1.º de Janeiro de 1856.

O Traductor

PRIMEIRA PARTE.

## UM DUELLO.

### I.

Depois que o arrebol matutino abriu azas ao seu esplendor, principiou a reinar no castello do conde d'Harqueville uma agitação extraordinaria: os criados iam e vinham; as escadas estremeçiam com o crebro passear dos individuos, que ora subiam, ora desciam: ouvia-se o latir dos cães no grande patio, e de tempos a tempos rebombarem os eccos das trombetas de caça, que tocavam alegres e estrepitosas ronzarias.

Tudo isto era devido a que n'essa mesma manha tinha de verificar-se uma grande caçada de lobos nas imediações do castello.

A epocha da fundação d'este castello datava de Luiz 15: achava-se situado a algumas leguas de Rechfort n'um paiz extremamente pitoresco, cercado por todos os lados de magnificos bosques, de valles profundos, cheios de verdura, e d'uma variedade de paisagens, que offerreciam á vista delicados paineis. Tão de prompto se via a rica e lubrica natureza da Suissa, quando principia a desprender do pó da terra seus thesouros de verdura e folhagem.

como depressa se via tambem a horrivel aspeza das montanhas nuas e escalvadas, sobre as quaes a vegetação nunca se dignou estender seu favoravel manto!

Na distancia de duas milhas do castello havia um pantano immenso com vastas veias carbonicas, que ministravam ao cultivador um abono bem grande e fertil, e ao pobre camponez um combustivel economico, sendo para toda a comarca um manancial de riquezas e bem estar; porem de vez em quando estes vegetaes decompostos, este lamaçal esponjoso e anegrejado, deixavam escapar exhalações insalubres, que expelliam para as proximas cabanas, vermes de febres e typhos.

Ainda mais; estes pantanos eram summamente perigosos para os viajantes imprudentes, que se aventuravam a passal'os sem guia: era preciso seguir escrupulosamente as sendas transitadas pelos povos do paiz, afim de se não sepultarem n'este lamaçal; porem havia sitios, em que o terreno não era firme, e distinguia-se, sobre tudo, quando o tempo estava brumoso, os cadaveres de estrangeiros, que muitas vezes succedia perecerem n'estes terriveis precipicios!!

### II

O conde d'Harqueville teria os seus 35 annos. Era alto, esbelto e d'uma estatura bem formada, que, juncta a altiva posição em que sempre trazia a cabeça, nos conduzia a dar-lhe o epitheto de janota. Sua bocca era um pouco lesenhosa, e seus labios viam-se entre-abertos para serios sorrisos. Tinha um olhar fixo e altivo, que expressava bem claramente a ideia demasiado orgulhosa, que teria formado de si mesmo.

Na verdade, seria difficil encontrar homem tão ricamente adornado, no que se refere a todas as qualidades phisicas. Em todos os exercicios corporeos tinha uma destreza a toda a prova: cavalgava excellentemente, e em todas as apostas de caça era elle o que levava a palma, e sem duvida se podia asseverar, que na esgrima era rival do celebre Grasier.

Tambem com sua mão esquerda, na distancia de 60 passos, tinha a certeza de apagar com bala de pistola uma vela accesa.

Porem, se a natureza havia prodigalisado tão largamente os desenvolvimentos phisicos ao conde d'Harqueville, em troca d'estes foi escaça e mediana em desenvolvimentos intellectuaes. O conde tinha conservado sempre, desde a infancia, rancor figadal ao estudo e á leitura, e nada o enfastiava tanto, como recorrer todos as manhãs o seu diario: mais de 20 vezes dava principio á leitura, concluindo por se aborrecer e deixar cahir das mãos o jornal, ora politico ora litterario; e soffrendo sempre mais fadiga do que se houvera lidado todo o dia em uma longa caçada.

De todos os jovens de sua idade, o con-

de d'Harqueville, era o mais activo e mais bem disposto, quando se tractava d'uma cavalgata, d'uma batida de lobos, ou d'um *lunch*, ou mesmo de qualquer aposta, ainda que fosse a mais difficil e rara do mundo.

Dotado de semelhantes inclinações e d'uma organização tão extravagante, e tão ambiciosa de prazeres, o conde gosava d'uma fortuna colossal, e jamais lhe havia passado pela imaginação o algemar-se nos doces élos do hymeneu: porem um dia, depois de haver malgastado sua alma, e sua juventude em um louco folgar, apaixonou-se perdidamente.

Quem lhe inspirou tão ardente paixão foi a meiga e encantadora Amelia do Fouval: doce, bella, graciosa e seductora, tinha uma d'essas, physionomias melancolicas e cheias de ternura, que fazem que, o pensamento d'um homem passe os dias em um redemuinho de conjecturas, e as noites em mago e doce sonhar....

No rosto era de brancura admiravel e tinha uma expressão angelical: com loiros cabellos ondeados, cobria a delicada tez, e seus olhos azues communicando ternos olhares de doçura inspiravam no enamorado peito do conde essa louca paixão!

Celestino C. do C. Seixas.

A TROPÓSITO DE UMA BALATA DE GOLDSMITH.

**O** LIVEIRO Goldsmith, nascido em Pallas (condado de Langfor na Irlanda) em 1728, falleceu em Londres em 1774.

O nome d'este celebre escriptor é popular no nosso paiz. O seu *Resumo de Historia Romana* é o primeiro livro, que ordinariamente chilram os que estudam a lingua ingleza, essa lingua de passaros, como lhe chamava Carlos 5.<sup>o</sup>

Historiador, poeta e phylosopho, Goldsmith escreveu differentes obras historicas elementares, varias comedias e poemas, alguns contos moraes e romances.

De todas estas obras, porem, a unica, talvez, que merecerá a consagração da posteridade é o romance intitulado *O Vigario de Wakefield*.

José Droz (*Essai sur l'art d'etre heureux*, chap—22) emitindo a sua opinião sobre este romance, diz: Quereis saber qual é a melhor obra de moral, que tem sahido das mãos dos homens? E' o *Vigario de Wakefield*. Mostrar um paé exposto a todo o genero d'infortunio, opposto ao sempre a coragem ou a resignação é pintar o quadro mais sublime, que a imaginação pode traçar. Só o genio alliado á virtude teria assaz força para gerar esta ideia. Todos os homens de bem devem a

seu auctor um tributo de veneração e reconhecimento. Pergunta-se por vezes; se não poderseis possuir senão um livro, qual seria o livro, que conservaríeis? Eu por mim, conservaria o *Vigario de Wakefield*.

E não é solitaria esta opinião de Droz, que tem em brilhante cortejo litteratos e criticos tão distinctos, como Schlegel, Byron, e Walter Scott (veja-se a biographia de Goldsmith, escripta por este ultimo) O apreço, que se liga em França a este pequeno livro, revelam-nos muitas versões que do mesmo lá tem sahido a lume, sendo uma de Carlos Nodier, e outra de M.<sup>mo</sup> Louis de Belloc!

E' para admirar, que os mercenarios da litteratura ainda não vertessem o *Vigario de Wakefield* em linguagem vernacula. A Bibliotheca Economica, destinada ao uso do povo occupouse em traduzir-lhe livros, pela maior parte, de duvidosa moralidade. Tambem melhor foi assim. O formoso romance de Goldsmith, metteria d'ó traduzido em linguagem bastarda — Teria a sorte do *Genio do Christianismo*, d'essa obra, que depois de haver regenerado a Europa e immortalizado o nome de Chateaubriand, corre por ahi desfigurada pela mão sacrilega do traductor e apupada com estridulas gargalhadas dos infelizes assignantes. (1)

A balata, que se segue, é extrahida do cap.<sup>o</sup> 8 do *Vigario*-Goldsmith queixa-se no romance, de que Jonh Gay, sobrecarregando seus versos de palavras ociosas, introduzira um gosto falso na litteratura britannica. Homens mediocres (diz elle) acharam facil imitar esta abundancia esteril, e a poesia ingleza, como a dos ultimos seculos de Roma, não é hoje mais do que uma amalgama d'imagens pomposas, sem nexo nem plano; uma serie d'epitetos, que deixando o espirito vasio affagam sómente o ouvido.

Em seguida a esta reflexão critica apresenta a balata, que sem duvida não tem os defeitos apontados. Assim naturalmente pensava a nossa Stael, a senhora Marqueza d'Alorna e Condessa de Oeyanoshen, conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe, a qual a julgou digna das honras da imitação livre (tom. 4.<sup>o</sup> da edicç. da impr. nacion. p.<sup>o</sup> g. 193)

A versão, que o *Murmurio* hoje offerece, foi feita em Rennes por um exilado, que buscava na poesia lenitivo para as saudades da patria, de cujo seio o expellira o volcão de luta fratrecida —

(1) E' claro, que nos referimos á maior parte da traducção; nem a censura podia estender-se a toda, visto que os primeiros capitulos sahiram da pena do sr. Castilho.

O traductor é digno do auctor. O sr. Rodrigues é já bem conhecido por diferentes versões, entre as quaes sobresah a d'um poema de Florian, o *Eliezer*.

O Sr. Alexandre Herculano fallando sobre esta versão no Panorama, em 1840, escreveu o seguinte: Eis aqui uma traducção d'aquellas, que dão tanta honra ao traductor, quanta o original dá ao auctor. Todos conhecem o mimo e a graça de quanto escreveu Florian, mas nem todos sabem que uma das suas mais formosas composições se acha trasladada em nossa lingua, sem que perdesse uma unica das suas galas nativas. Por tal arte se houve o traductor, tão áprimoradamente trabalhou, concertou e puliu a sua versão, que a não ser obra tão conhecida na antiga litteratura franceza, podera passar por nascida em terra de Portugal, pelo torneado das phrases ser n'esta obrinha essencialmente portuguez, e os vocabulos castigos, sem que entre elles appareçam descuidos, em que muitas vezes caem ainda os bons traductores.

Esta homenagem sincera do primeiro escriptor do paiz, d'esse homem que nunca sacrificou a convicção nas aras da condescendencia, é, em quanto a nós, o maior galardão que o sr. Rodrigues podia alcançar, especialmente n'esta epocha de vaidades tolas, d'elogios encommendados e de reputações panicas.

TORRES E ALMEIDA.

## O EREMITA.

BALATA,

TRASLADADA DO INGLEZ, DE GOLDSMITH.

« D'este valle ó compassivo  
Er'mita, meu passo errante  
Vem guiar ao facho vivo,  
Que, d'alem, a um viandante  
Sinaes d'hospicio lhe dá.

« Só, no abandono, e perdido,  
Falham-me os pés, e vagueando  
Num deserto destacadido,  
Cresce este quanto mais ando,  
E essa luz mais longe está. »

« Deixa, filho, » o Er'mita exclama:  
« Deixa essa fatal vereda;  
O fantasma que te chama;  
E' infiel, e em triste queda  
Te ha-de por fim subverter.

« Só estejas, sem casa embora,  
Minha porta é inda aberta;  
Pouco tenho, mas a est' hora  
Recebe-me a pobre offerta,  
Que é d'alma e de bem querer.

« Vem, que é noite, em franca parte  
Gosar do que houver na cella;  
Cama de junco hei-de dar-te,  
De ceia frugal parcella,  
Bençãos, e repouso em fim.

« Ao gado, que livre corre  
Nesses valles, não dou morte;  
Grão poder que me socorre,  
Delle me ensinou á sorte  
Ser piedoso e brando assim.

« Mas da parte, em que é viçoso  
O monte, cólho a virente  
Hortaliça e fructas, gôzo  
De meu repasto innocente,  
Com fonte d'agua a manar.

« Vem pois, esquece cuidados  
Do mundo: tão ruins, a pena  
Mal valem de ser lembrados;  
Pouco nos basta, e pequena  
E' nossa dura em gozar. » —

Qual dos Ceos o orvalho desce  
Brando, a branda voz persuade  
O estrangeiro, que não esquece  
Fazer misera, e vontade  
Mostrar de o Er'mita seguir.

Já vão. Longe, e só, o amigo  
Alvergue era situado;  
Aos pobres de entôrno abrigo,  
E ao viandante, que errado  
Pousada ia alli pedir.

Provisões não ha de custo  
Na choça; o dono a cuberto  
Um ferrolho tem do susto,  
Num só postigo, que aberto,  
Recolhe o innocente par.

Ora, que do affando dia *afan do dia*  
Se vai da noite ao repôso,  
Seu lume o Er'mita nutria,  
E a seu hospede pensoso  
Distracções tentava dar.

Seus vegetaes ostentando  
Ledo se apresta; e sorrindo,  
De chronicas recordando  
Contos, em que é vasto, infiado  
As horas correndo vão.

Em torno por sympathia  
Gostozo o gato brincava,

O grilo cantar se ouvia  
Junto ao lar, e o pau 'stalava,  
Ardendo sobre o fogão.

Mas não era assaz o encanto,  
Para do 'strangeiro a pena  
Consolar; o pêso é tanto  
Da dor, que o peito lhe ordena  
A faça em chôro romper.

Do hospede a afflicção notando,  
Partilha o Er'mita dôlido:  
« Donde vem, » diz: miserando  
Moço, a dor que assim ferido  
Teu coração faz soffrer?

« De melhor morada expulso,  
Acazo te é dura a ausencia?  
Mal pago amigo e repulso  
Es, ou sem correspondencia,  
D'amor supportas o mal?

» Ah! que da fortuna o gozô  
E' um nada e pouco dura;  
Quem prêsa esse mentiroso  
Fantasma, e que delle cura,  
Inda menos que elle val.

« A amizade é um mero nome,  
E' um encanto que adormece;  
Sombra que segue o renome,  
Segue o oiro mas esquece  
O infeliz no pranto e dor.

» E amor o que é? — som vasio,  
De bella altiva um gracejo;  
Não visto, a não ser no pio  
Ninho da rola, onde o bejo  
Da paixão dobra o calor.

« Joven louco, esconde as dores,  
Despreza o sexo, » elle exclama...  
E nisto assomam rubores  
Do hospede ao rosto, que, em chamma  
D'amor inculca o desdem.

Divisa o Er'mita espantado  
Tal belleza assim mostrar-se:  
Matutino Ceo 'strellado  
Uza em tal brilho ostentar-se,  
Que passa e não se detem.

Baixo olhar, arfando o peito,  
Alterno susto accusava;  
O lindo estranho sugeito  
Ser donzella em fim mostrava,  
Encantos toda, e primor.

« Ah! perdoa » diz, « o engano  
De estrangeira abandonada,  
Que piseu com pé profano

A tua mansão votada,  
Dos Ceos ao puro fervor!

« Mas veja-te pio, e manso,  
Donzella de amor perdida,  
Que embora aspire ao descanso,  
Se vê continuo seguida  
D'um desespero voraz.

« Do Taine inda alem vivia  
Meu Pae, senhor abonado;  
Filha unica eu me via,  
E tal riqueza meu 'stado  
Futuro doirava assaz.

« Mil amantes pretendiam  
D um terno pae separar-me;  
Encantos me attribuiam;  
E vinham, captivar-me,  
Jurar amor, ou fingir.

*E vinham, por captivar-me,*

(Continua)

## CAMÕES.

Offerecido ao meu primo e amigo Joaquim  
Januario de Souza Torres e Almeida.

Foi cantor e foi soldado  
Foi um vate enamorado  
Foi um poeta inspira'lo  
Como os d'ora já não são.

CAM. DO SR PALMEIRIM.

Como foi grande no mundo  
Esse vate portuguez  
Que com estro tão fecundo  
Immortal a patria fez!..  
Que do seu povo aguerrido  
Tendo o nome engrandecido,  
Cantou n'um canto sentido  
A sorte da pobre Ignez!

No genio não o igualara  
De Laura o nobre cantor,  
Nem Tasso, que tanto amara  
A sua bella Leonor;  
Nem aquelle astro brilhante,  
O amor de Beatriz, o Dante,  
Teve um estro tão gigante,  
Lyra de tanto valor.

De Mantua o-cisne, Virgilio,  
Que tanto a Roma exaltou,  
O Nazão que lá no exilio  
Tristes cantos entoou,  
Milton, que o genio fadara,  
Homero, nenhum cantara,  
Como a terra que o criára  
O luso vate cantou.

Tantos feitos praticados  
N'esses plainos d'al-m-mar

Foam por elle cantados  
 Como elle soube cantar,  
 Nobre po ta, soldado,  
 D'ixon á patria em legado  
 N'aquelle lyro inspirado  
 Bellezas do seu trovar....

Em amor ardeu-lhe o peito  
 Pela terra onde nasc-u,  
 Tendo o braço ás armas feito,  
 Por ella sangue verteu,  
 E só por vê-la exaltada  
 Sempre a mente ás musas dada  
 A' sua patria a mente e a espada  
 Votou em quanto viveu!!..

Legou ao mundo a memoria  
 D'este povo sem rival,  
 Deixando em versos a historia  
 Da sua terra natal:  
 Por elles o mundo inteiro  
 Respita o povo guerreiro  
 Do gra de Affonso primeiro,  
 O povo de Portugal...

A gloria immortal do Gama  
 Se tem erguidos padrões,  
 O pregão da sua fama  
 Deve-o aos cantos de Camões;  
 Alli 'stá do Castro a lida  
 Em versos engrandecida,  
 Alli tem perpetua vida  
 Da sua patria os brazões.

Mas a patria em recompensa,  
 Do seu canto em galardão,  
 Deu-lhe sómente a indiferença,  
 A mais feia ingratitude!!..  
 Quando a sorte o fez mendigo,  
 Foi o escravo o seu amigo!  
 Da patria nem um abrigo!....  
 Nem um bocado de pão!!....

Vivo lá foi desgraçado  
 Em prêmio do seu cantar  
 Viver triste e desterrado  
 N'uma gruta d'alem-mar!!..  
 Morto não teve um moimento,  
 Nem um pobre monumento,  
 Que d'aquelle estro portentoso  
 Nos fizesse recordar!!

Mas que importa?... se a memoria  
 Do monarcha das canções  
 Em tributo erguen-lhe a gloria  
 Por toda a parte padrões?  
 Qu' importa?... s'inda hoje a fama  
 Do nobre cantor do Gama  
 No mundo inteiro proclama  
 O rei dos vates — Camões!...

João Joaquim d' Almeida Braga.

MODULO DE INECCIA E TRICTITUDE DA LINGUA  
 PORTUGUEZA.

« Arranca o estatuario uma pedra dessas  
 « montanhas: tosca, dura, informe; e depois  
 « que desbastou o mais grosso, toma o maço,  
 « e o cinzel na mão, e começa a formar um  
 « homem, primeiro membro a membro, e de-  
 « pois feição por feição até a mais miuda: on-  
 « dea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, ras-  
 « ga-lhe os olhos, affila-lhe o nariz, abre-lhe  
 « a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o  
 « pescoço, estende-lhe as mãos, divide-lhe os  
 « dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega,  
 « alli arruga, acolá recama, e fica um homem  
 « perfeito, e talvez um Santo, que se pôde  
 « pôr no altar. »

Vieira.

EXPEDIENTE

Agradecemos aos jornaes de Lisboa e Porto o favor de annunciarem a publicação do 1.º n.º d'este periodico; e á *Patria*, ao *Porto* e ao *Moderado* a benevolencia com que nos acolheram.

Igualmente agradecemos ao *Bracarense*. Apesar de soffrer dupla interpretação a sua local, os RR. do *Murmurio* querem acreditar na boa intenção do collega.

O *Pharol*, esse, nem se quer cumprio para com o *Murmurio* os deveres fraternaes da sua publicação. Aquelle jornal parece ignorar que nas lides da intelligencia ha leis de cortezia ás quaes se não deve faltar.

A *Patria*, que é incontestavelmente, a todos os respeito, o melhor jornal do paiz felicitou lá de Lisboa o *Murmurio* pela boa apresentação, que fez na imprensa.

O *Pharol*, que se publica n'esta cidade, nem ao menos mencionou n'uma local a publicação do *Murmurio*, sendo a primeira d'este genero que na nossa terra viu a luz do dia. É notavel!

Assigna-se n'esta cidade, tanto no seu escriptorio na rua do Porto n.º 2, como na relação do *Moderado*, Rua Nova de Souza, n.º 25.

ERRATAS NOTAVEIS DO 1.º N.º

Na terceira pag: linh: 33, onde se lê *afundaram*, deve ler-se a *fundaram*: na pag: quinta, lin: 16, onde se lê — 1466, deve ler-se 1366; e na ultima pag: segunda columna, lin: 33, onde se lê — *inhumano* deve ler-se *humano*.